

## Praia Rasa

(Praia Raza, Armação de Búzios, Domingo de Páscoa,  
4 de Abril de 1999, início: 23:46:40 - voltando da praia)

(Noite de lua cheia e neblina.  
Sereias e lobos verdinhos  
devem estar por aí, em transe, maravilhados...)

Caminho solto, descalço, destemido.  
Abro a cortina pro novo mundo: a minha Rasa.  
Late o vento, venta a folha, olho a folha a esvoaçar.  
Sinto tentação de roubar de leve a cena,  
a cena do meu oceano e minhas pedras no teatro invertido.

Voam as aves de arribação, a esmo, sem sentido,  
e a maré cafetina morre em glória de mil paetês  
aos meus pés feridos, meus pés cansados.

Vejo o mar e o mar me vê, assim lateral, encimesmado.  
Coso os olhos na costura das ondas, e sopro co' o vento  
canções da antiga, coisas meninas,  
de tempos atrás.

Atraso o passo, que a espuma já me lambe as canelas.  
Passeio ao relento, e bebo com vagar o ensino dos meus professores:  
o sal e a água e a luz e o luar.

O verde mar é azul e o turquês lilás, e cinzento,  
e é sempre assim:  
as cores não param de traduzir o que me vai dentro e não entendo,  
o que sobe aqui pro convés do barco chamado eu.

Mas me chega d' além-mar, feita prá mim só, exclusivamente,  
a lasca multicolor d' algum costado de pescueiro antigo.  
E me maravilho com o arco-íris portátil que me bate no dedão,  
e vai e vem e colide de novo com meu dedão...

(e se disser prá ti, mulher, depois de voltado à casa nova,  
que esse pau velho que levarei nas mãos, pressuroso,  
com suas dez mil demãos de tinta e de boiar pachorrento,  
atracado ao pé de mim depois de singrar setecentos mares,  
anos a fio num viver salgado, silente, irrefletido  
me é tão querido e fundamental  
como a comida que tu fazes e a flor do mal  
que me ofereces à alma torta e ao corpo ressentido  
cotidianamente,  
tu rirás, sonolenta, assim placidamente,  
como quem desculpa tamanha burrice, ou loucura,  
ou falta do que dizer...)

Mas se a alma inventa, indolente,  
seis e mais dezesseis papéis mirabolantes pro meu pau multicolor,  
decido num repente o rumo do ex-barco, prá toda vida:  
apenas um pau, quase tábuas, antigo, batido pelo vento e mar,  
que se quer fazer de fiel e inseparável amigo  
do barbudo aqui,  
e que, por desígnio divino ou por ato falho,  
vai afinal dar co'os costados na casa nova, prá repousar  
n' algum canto sequinho e pacífico  
de minha mesa de trabalho.

Mas ainda estou do outro lado do universo.  
A hora é minha, e late ainda o vento, e agora mais forte.  
Venta e venta aqui onde estou, no frio e no quente,  
meu novo país - água e areia e furos dispersos e perfeitos  
d' alguns colegas tatuís...  
Late o vento e lato, solidário, e canto primeiro,  
e grito do fundo da flauta liberta. E bato os dentes,  
e agora me vento, e nem mais tento entender o mundo.  
Fito atento as unhas sujas de terra, agarro com força meu pau,  
e sei então, sei talvez até demais.  
(Ahhh!... Quase já me vejo vivo e sem mais desculpas, sem corar,  
no longe da guerra, no nível da paz...)

E digo:  
É, mano velho pau meu, carne minha agora,  
as notícias que te dou não são lá muito boas, não...  
hoje em dia sobra miséria, falta emoção. Em tudo há perigo,  
nada é dentro, tudo é fora,  
Não tem isso de frente e atrás, tudo é viés,  
tudo é gente de miolo mole, retorta e recondicionada...

Assim tá o mundo, pau, assim é... Matança, fome,  
horror, paranóia, injustiça, uma loucura, amigo pau, uma parada,  
nem te conto, pura histeria...

Perdoa nessa hora noturna a bruta filosofia.  
Mas repara, pau, que há talvez salvação:  
Pois não andamos soldados, tu e eu, no passo de outros tais malucados  
que agorinha mesmo uivam pro mar noutras praias & oceanos,  
e que latem co'a gente a mesmíssima nota,  
a mesma canção à toa  
co'os olhos vidrados e uma fome infinda  
de céu e de vento e de areia e de mar?

Sabe? São as crianças do mundo que vivem a Vida,  
e riem e cantam e se encantam ainda  
com lobos-do-mar, sereias, folhas ao vento e conchinhas partidas...

Vamos, pau velho, vam'prá casa descansar.

## Celacanto mentiroso

Desculpa meu modo de contar as coisas prá ti...  
sempre te minto, e minto com tal ênfase e empenho  
que quase acredito, e num piscar de olhos  
acredito piamente na verdade das minhas potocas.

É porque em minha admiração por ti  
exulto feliz se te tocas,  
se te emocionas e te ligas com o que recrio  
em meio à bagunça dessa vidinha chata de todos nós,  
feita de sapos azuis com bolinhas  
(meu prato-frio-do-dia, todos os dias) e de sorrisos  
televisivos, asséticos, hipócritas, que me violam  
quando não estás por aqui, na Raza.

Mas quando estás em nossa casa,  
invento outros mundos, reflito tua luz, me ofusco,  
e minhas sombras escorregam de fininho,  
e o ocultismo meu barato se escancara.

Por isso, repara: quando minto, sou teu espelho de prata  
e acabo acreditando tanto em mim mesmo  
que te convenço, tu que sempre és tão cética,  
tão exata!, e te transformo casualmente  
(porque assim mais te quero) na mais crédula das mulheres,  
a mais infantil e fervorosa crente...

Acredita que, quando te minto, minh'alma sente  
Que na verdade não sou mais eu que te deslumbra, mas o outro  
(aquele desocultado) que vive mais p'r'além, n'outras paragens,  
e que é sempre tão criança como tu ficas  
se te invento minhas alegrias e meus medos.

Nessas viagens contigo, meu papel fica transparente,  
e minha cena mais ensaiada se realiza enfim.  
Sou p'ra sempre teu amigo, inseparável e amoroso,  
tu sorris p'ra mim de forma franca,  
e a magia branca e inesperada me transforma de novo  
no celacanto de antigamente.

Mas então tu vais embora...  
E pelas frestas e cantos da casa escorre também a beleza  
que trouxeste contigo - e, num estalar de dedos,  
tudo fica feio, vazio.  
(Meus brancos-e-pretos viram diferentes cores, feitas de lágrimas.)  
Nessa incerteza, bebo meu vinho amargo como sempre, me sacio,  
e me acalmo finalmente... Enfim, tudo bem!

T'esperarei.

Na última curva da estrada, semana que vem,  
quando chegares, mudarás o ar pesado e o sol gritará  
dardos certos e quentinhos;  
e tudo se encaixará, coisa com coisa.

Teu retorno será saudado como queres:

Serei sempre teu espelho, e me verás formidável e sorridente  
co'as sereias, meus bichos, meus lobos-do-mar,  
parado, parado ao longe, no centro do maremoto,  
em nossa praia bonita -  
esperando apaixonado a chegada de quem importa, afinal:  
quem me ama e quer, sonha, mergulha fundo, e acredita...

## Poesia noturna

Estou só, e resto é mar...

é coisa que não sei contar, minha menina.  
O resto fica bailando no ar  
e folhas de mato vêm e vão dentro da minha cuca  
e ondas marolam verde-amarelas de forma maluca,  
como se fosse uma bossa - nova  
cantada pelo Tim...

Minha praia às vezes embarafusta em mim, e estronda.

Me vejo mergulhado, paradas as mãos  
pairando sobre o teclado do computador,  
ouvindo o Creedence...

E tudo aparentemente se ajusta, meu amor,  
e fico quase alegre de curtir solitário  
essa onda, esse eterno nonsense,  
esse destino mecânico e transviado...

Ahhhh vida mais justa, ahhh vida vida injusta!!!

A vida-mar teima sempre comigo e me oceana...

Me vejo afogado  
na necessidade absurda de lutar pela grana  
a cada minuto, hora, dia, semana, século!,  
que transforma em mesquinho efeito colateral  
o que é vida & é transcendental -  
a cor mais pura, amizade, a luz,  
o mistério, feitiçaria, amor, paixão.

Assim, vou balançando nessa onda,  
em meio às minhas indecisões entre ti e a vida-mar,  
no mar de dúvidas que me abala e arrasa,  
entre tua delicadeza oculta à força, tua contida emoção  
e a brandura enganosa das marolas da Raza...

Nessa hora crepuscular, me dá vontade de sonhar  
o sonho da existência pura e marombada de outrora,  
de ter uma casinha junto contigo, amiga,  
lembras? Uma casa assobradada  
perdida n'algum morro do interior do Rio de Janeiro:

tu e eu, e bichos, e discos, e livros,  
e óculos, o café quentinho, um pequeno canteiro,  
como na canção do ZéRodrix, antiga,  
que falava de coisas que nós, urbanos,  
bebendo juntos na mesma caneca de vinho  
n'algum boteco pé-sujo da cidade grande,  
gostávamos demais, sem conhecer...

Mas agora, amor, é p'ra valer:  
a Raza é meu palco dourado,  
o paraíso que canta e recanta a eterna canção  
da ventania prá todo lado, meu terreiro noturno  
de macumba, paz e reflexão.

Sabe? Tenho tudo & tenho nada,  
Minha cabeça está moleque e está santa,  
tudo que vejo e ouço e bebo e cheiro e toco  
me maravilha muito, e encanta...  
Tenho um pedaço de areia amarelinha,  
tenho minha morada, a chuva, o sol, a lua;  
sou rei e dono do meu pedaço de rua,  
tenho dois cães amigos, e plantas, e fome, e pão...  
tenho tudo-tudo, andaluza - agora só falta você.

Pára então com isso, essa distância, e vem me ver,  
me salva mais uma vez, vem morar comigo...

Preciso lavar meus olhos cansados no teu semblante,  
viver teu dia-a-dia, todos os segundos! Quero correr perigo,  
quero sair do eixo ao te sentir por perto,  
ouvir tua gargalhada, teu riso, teu sorriso fugaz...  
Preciso de tua sutil beleza, tua esperteza, tua malícia;  
quero tua guerra & paz,  
quero sentir teu afago, tua carícia...

Ahhh... vai ser bom  
nas madrugadas fresquinhas te ouvir dizer, mulher amada,  
que me queres - só assim, marolarei, noite e dia!,

até o fim da minha estrada,  
em meio ao vento misterioso e sem destino.

Porque ainda teimo - e teimarei sempre! - em ser teu menino,  
menino gorducho e curioso  
que não cansou ainda de pegar folhas envelhecidas  
e pedras e pedaços de pau e conchinhas  
na areia noturna e fria, na noite sonolenta e enluarada,  
e que acredita em duendes, lobisomens e fadas-madrinhas,  
e na mágica poesia de te chamar baixinho de namorada,  
meu bem, namorada, minha eterna namorada...